

# **SOPROS DE UM CONFLITO: A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA EM FORTALEZA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Reverson Nascimento Paula<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentaremos a transformação do cotidiano fortalezense entre os anos de 1942 e 1945 durante a Segunda Guerra Mundial. Através da entrada do Brasil no conflito, da aproximação com os Estados Unidos, da instalação de uma base militar estadunidense em Fortaleza e do convívio com os soldados, mostraremos as modificações nos hábitos e costumes dos cidadãos fortalezenses, tendo como linha de pensamento a instalação física e simbólica de uma hegemonia cultural (norte-americana) na qual se deu no período da Segunda Guerra Mundial. Pretendemos analisar, as influências trazidas pelos norte-americanos que para aqui vieram com a instalação da base militar e acabaram transformando o espaço de sociabilidade, os hábitos e os costumes.

**Palavras-chave:** Estados Unidos; Segunda Guerra; Fortaleza; Hábitos; Costumes.

## **BLOWS OF A CONFLICT: THE AMERICAN'S INFLUENCE IN FORTALEZA DURING WORLD WAR II**

**Abstract:** In this paper we present the transformation of everyday life of Fortaleza between the years 1942 and 1945 during World War II. By Brazil's entry into the conflict, the approach with the United States, the installation of a US military base in Fortaleza and being with the soldiers, we will show the changes in the habits and customs of fortalezenses citizens, with the line of thought the physical installation and symbolic of a cultural hegemony (US) in which took place in the period of World War II. We intend to analyze the influences brought by the Americans who came here with the installation of the military base and eventually transformed the social space, habits and customs.

**Keywords:** United States; Second World War; Fortaleza; Habits; Customs.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestrando em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História vinculado a mesma instituição. Interessa-se pela área de História Social e História Cultural. Atua principalmente nos seguintes temas: Cidade, cultura, hábitos, cotidiano e costumes. E-mail: reverson\_nascimento@hotmail.com

**O desenvolvimento das relações internacionais brasileiras antes e durante a segunda guerra mundial**

No ano de 1939, durante o Estado Novo de Vargas, ocorreu a Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>. Nações “democráticas”, encabeçadas pelos Estados Unidos, lutaram contra o eixo nazi-fascista, comandado por Hitler e Mussolini. Este conflito durou oficialmente de 1939 a 1945 e envolveu a maioria das nações, organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Do lado Aliado, E.U.A e U.R.S.S. acabaram dividindo o protagonismo militar durante o conflito, assim desenvolvendo parte da beligerância existente.

Dessa maneira, no início da década de 1940, o desenvolvimento das relações entre Brasil e Estados Unidos foi marcado pela evolução da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos desejavam ter o Brasil como aliados militares, assim, pretendendo instalar bases militares no Nordeste brasileiro e garantir a defesa do continente quanto a uma possível invasão nazi-fascista. A extensão territorial e populacional, e as riquezas naturais brasileiras conferiram ao país importância especial dentre os países da América Latina, incluindo as condições de liderar os demais países sul-americanos contra o Eixo.

Por sua proximidade relativa com a África (parte mais oriental das Américas), o Nordeste brasileiro representava um local ideal para a partida de aeronaves com destino a África e a União Soviética. Cidades como Natal<sup>3</sup> e Fortaleza representaram grande interesse militar, podendo servir de base

---

<sup>2</sup> A imposição do **Tratado de Versalhes** (1919), após a Primeira Guerra Mundial, onde a Alemanha foi proibida de manter um exército, condenada a pagar pesadas indenizações, devolver territórios conquistados, como a Alsácia-Lorena a França; a **Crise de 1929** que iniciou nos Estados Unidos, mas que se expandiu por toda a Europa; o surgimento dos Regimes Totalitários; e diversos conflitos territoriais são apontados como algumas das circunstâncias que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial. (ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.)

<sup>3</sup> A importância das bases militares instaladas no Nordeste brasileiro foi de tão grande tamanho, que a base militar instalada em Natal chegou a ser chamada de “Trampolim da Vitória”, tal a importância da base para o êxito das forças aliadas nas batalhas que culminaram na expulsão dos nazistas do território africano e, logo a seguir, da Europa, cuja invasão começou através da ilha italiana da Sicília. (GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008.)

de apoio à travessia de aviões do Atlântico Sul.<sup>4</sup> Assim, o Brasil assumiu relevante importância estratégica para a defesa territorial e simbólica do continente americano.

Diante desse quadro, Getúlio Vargas negociou com o governo norte-americano a entrada do Brasil ao lado dos aliados. Dentre as condições para a participação brasileira estiveram o fornecimento de armamento, a concessão de créditos e assistência técnica para implantação da indústria siderúrgica e bélica em solo brasileiro.<sup>5</sup>

Neste conflito, diferentemente da Primeira Guerra, o Brasil acabou por entrar efetivamente. Tanto por pressões do governo norte-americano, o qual não aceitaria ter uma região tão importante estrategicamente do lado oposto, como por pressões nacionais, onde a população brasileira se colocou contra Hitler e seus asseclas após a morte de 470 tripulantes e 502 passageiros no naufrágio após o torpedeamento de 31 navios brasileiro.<sup>6</sup>

Mediante o naufrágio destes navios e a revolta da população, passou a circular em determinados jornais fortalezenses discursos negando a possibilidade de o Brasil permanecer “impassível”.

[...] O Brasil não pode permanecer impassível numa guerra que já o atingiu, já o feriu, já fez sangrar o coração de sua gente. Estamos de fato, queiramos ou não, envolvidos na guerra que nos foi trazida pelo Eixo. Resta apenas um ato formal, reconhecendo este estado de guerra que o Eixo mantém contra nós. Os brasileiros dignos desse nome preferem aceitar o desafio a viver sem honra.<sup>7</sup>

Percebemos a “culpabilização” direcionada pelo início do conflito mundial, e o tom patriótico que circulou nas notícias referentes ao torpedeamento dos navios e ao rompimento com o Eixo. O brasileiro “honrado” aceitaria o desafio de entrar em uma guerra contra grandes potências, mesmo sabendo de todas as dificuldades que poderiam surgir, assim, sendo “indignos” de serem chamados de brasileiros, aqueles que,

---

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>6</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 25-28.

<sup>7</sup> O Brasil não pode permanecer impassível. **O Nordeste**, Fortaleza, 2 de Jun. 1942, p. 1.

## DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

mesmo após o ataque dos submarinos alemães, preferissem permanecer neutros e passivos.

Desta maneira, no ano de 1942, Brasil e Estados Unidos assinaram os Acordos de Washington<sup>8</sup>, nos quais o governo norte-americano se propôs a fornecer capital suficiente para a implantação do projeto siderúrgico nacional e para a aquisição e modernização dos setores industriais e bélicos, enquanto o Brasil assumiu o papel de fornecer minerais<sup>9</sup> importantes à indústria bélica, borracha e a permitir a instalação de bases<sup>10</sup> norte-americanas na região norte e nordeste do país. Assim, foi instalada em Fortaleza, e em outras capitais nordestinas, uma base militar norte-americana, a qual passou a receber soldados estadunidenses, antes dos mesmos partirem para a guerra que se desenrolava em território africano.<sup>11</sup>

Assim como no conflito mundial anterior, este tipo de acordo, firmado com potências econômicas do período, trouxe benefícios ao Brasil. Deficiências estruturais e econômicas existentes buscaram ser sanadas a partir do “esforço generalizado”, juntamente com o capital estrangeiro e os investimentos realizados. Todas as regiões do Brasil deveriam cumprir suas obrigações para a defesa do território nacional.

A agressão militar totalitária contra navios brasileiros acabou provocando inúmeras manifestações individuais e coletivas contra os países do Eixo e seus descendentes residentes no Brasil. Esse sentimento de indignação obteve no poder público um incentivo importante, onde o mesmo, utilizando o discurso de defesa da “honra e da unidade nacional” tentou direcionar a “força popular” para a produção necessária a economia

---

<sup>8</sup> Os acordos selaram em princípio um empréstimo de 100 milhões de dólares para a modernização e implantação do projeto siderúrgico brasileiro, além da aquisição de material bélico no valor de 200 milhões de dólares. Esses acordos foram decisivos para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Companhia Vale do Rio Doce. (ALVES, Vagner Camilo. Op. Cit., 2002.)

<sup>9</sup> Bauxita, berilo, cromita, ferro-níquel, diamantes industriais, minério de manganês, mica, cristais de quartzo, borracha, titânio e zircônio entre outros. (AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998.)

<sup>10</sup> Foram construídas bases militares norte-americanas nas cidades do Amapá, Belém, São Luís, Fortaleza (Pici e Cocorote), Natal (Rampa e Parnamirim), Recife, Noronha, Maceió, Salvador e Aratu. (GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”**. Fortaleza: ABC Editora, 2008)

<sup>11</sup> AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998.

de guerra. Assim, tentando desviar a “fúria” da população da destruição de imóveis pertencentes a descendentes de países “eixistas”.

No Ceará, como em todas as unidades da Federação, realizaram-se grandes manifestações de protesto contra o bárbaro e inominável ataque de que foram vítimas navios brasileiros. A revolta coletiva justifica-se plenamente, ante esse ato brutal de agressão por parte das nações totalitárias. Todos os brasileiros devem vibrar de indignação ante um crime de lesa-humanidade, que veio cobrir de luto a família pátria, permanecendo vigilantes na defesa da integridade da nossa honra e da unidade nacional. Essas demonstrações de brasilidade e de fé nos altos destinos do país não devem, todavia, ser desvirtuadas por elementos a serviços de inconfessáveis propósitos, interessados em dificultar pela confusão que tentam estabelecer, a adoção de providências tendentes a garantir a tranquilidade pública. Cumpre-nos por isso retomar ao ritmo do esforço em prol de aumento da produção nacional. Só assim agiremos de acordo com a palavra do eminente chefe de governo, dr. Getúlio Vargas, que exige de bons brasileiros para felicidade da Pátria, e desenvolvimento do trabalho em todos os setores. Não devemos esquecer que o êxito do programa que se traçou o supremo condutor dos destinos do Brasil, depende da ordem interna, que o governo está aparelhado a manter, e para cuja consecução o povo precisa cooperar com seu labor pacífico e honrado. Por outro lado, é dever indeclinado de todos os cidadãos o respeito à propriedade e ao indivíduo, como demonstração do nosso grau de civismo e da compreensão, que temos das responsabilidades a enfrentar. Em tais condições, devemos poupar, quer o bem dos brasileiros, quer o dos estrangeiros, por isso que os daqueles constituem patrimônio nacional e os destes, na forma do Decreto-Lei Federal, nº 4.166 representam garantia de indenizações, pelos prejuízos materiais que a Nação vem tendo com os covardes atentados a nossa soberania. O Governo do Estado apela, pois, para todos os cearenses, no sentido de se conservarem entregues às suas atividades, aguardando com serenidade e bom senso, as medidas tendentes a punir a afronta que acabamos de receber.<sup>12</sup>

Percebemos a tentativa de acalmar os ânimos após os afundamentos dos navios, e não deixar a revolta popular “atrapalhar” a produção, pois o interesse dos inimigos seria exatamente atrapalhar a ordem pública, fato que caso ocorrido, prejudicaria o programa traçado pelo “supremo condutor do destino”, o qual estava representado na figura de Vargas.

---

<sup>12</sup> Nota da Interventoria Federal. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 de Ago. 1942, p.1.

Através do trabalho honrado e do labor pacífico o “verdadeiro” cidadão brasileiro ajudaria a manter a ordem, assim buscando a felicidade e não destruindo imóveis de descendentes italianos, alemães ou japoneses. Desta maneira, cabia à população cearense agir com “serenidade e bom senso” e, assim, esperar as medidas tomadas pelo próprio Governo Federal, o qual se incumbiu de punir a afronta sofrida.

A “revolta popular” contra os países do eixo, após o afundamento dos navios brasileiros, mesmo com a tentativa de acalmar os ânimos por parte do Governo Federal, acabou atingindo os descendentes italianos, alemães e japoneses que viviam no Brasil naquele período. Diversos imigrantes destas nacionalidades tiveram suas casas e lojas roubadas e destruídas no episódio que ficou conhecido como “Quebra-quebra de 42”.

O quebra-quebra em Fortaleza foi violentíssimo:

[...] pouco depois do almoço, começaram a surgir na rua onde morávamos (Barão de Aratã com Mento de Alencar), os principais sinais da onda de violência que se apossara da cidade. Um conhecido morador da vizinhança conduzia um pequeno caminhão carregado de mercadorias das lojas atacadas. Fardos de tecidos, caixas de sapatos, objetos de escritório, até vidros de remédio [...] Rolos de fumaça, pros lados da Praça do Ferreira, subiam em grandes alturas. A barulheira era infernal. Pessoas correndo em disparada, quase sempre sobraçando algum objeto conseguindo na pilhagem.<sup>13</sup>

Vislumbramos o ataque a diversos estabelecimentos comerciais pertencentes a imigrantes. Dentre eles, podemos citar a loja A Pernambucana, a Casa Veneza, o Bar Antártica, o Café Íris e o Jardim Japonês, todos pertencentes a famílias de origem alemã, italiana ou japonesa.

Após a ruptura, definitiva, das relações com o Eixo, o presidente Getúlio Vargas, que já mantinha intensa negociação com os Estados Unidos, recebeu, “cabografada”, uma mensagem do Presidente norte-americano Frank Delano Roosevelt, o qual parabenizou o presidente brasileiro pela atitude corajosa, a qual “fortaleceu” a relação já existente entre os dois países, e “acelerou” a vitória sobre o Eixo:

<sup>13</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 32-33.

[...] “- Em nome do governo e do povo dos Estados Unidos exprimo a profunda emoção com que essa corajosa ação foi recebida neste país. Esta solene decisão alinha mais firmemente o Brasil ao lado dos povos livres do mundo na luta contra as potências do Eixo. Ela aumenta da força moral e material dos exércitos da liberdade. Como irmão de armas, os nossos soldados [...] escreverão uma nova página na história da amizade, da confiança e da cooperação que mereceram desde os primeiros dias da independência, nas relações entre nosso país e o meu. A ação tomada hoje pelo vosso governo apressou a chegada inevitável da vitória da liberdade sobre as [...] forças do mal e da escuridão. Eu vos envio os meus calorosos votos de felicidade pessoal e as expressões da mais completa confiança no triunfo da nossa causa comum.”<sup>14</sup>

Roosevelt ressaltou a luta pela “democracia” que os países opositores ao Eixo se engajaram, dentre eles o Brasil. Percebemos aqui, como não apenas Vargas, mas Roosevelt, também fez uso de uma imagem da “democracia” e da luta pela liberdade como forma de unificar os países contrários a Hitler.

Percebemos ao longo da discussão o desenvolvimento das relações internacionais brasileiras e, conseqüentemente, a inserção do estado do Ceará e da cidade de Fortaleza neste processo. Buscamos mostrar um rápido panorama das relações desenvolvidas entre o Brasil e os Estados Unidos. Dessa forma, levantando alguns pontos de importância fundamental como o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães, a assinatura dos Acordos de Washington e o Quebra-quebra de 1942. Assim, traçando uma linha significativa do que aconteceu em Fortaleza antes da instalação física da base militar norte-americana.

### **Acordo assinado, local escolhido, base instalada**

A partir de dezembro de 1941, a entrada dos Estados Unidos<sup>15</sup> no conflito provocou um sensível rearranjo no quadro das relações

<sup>14</sup> A mensagem de Roosevelt ao presidente Getúlio Vargas. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 de Ago. 1942, p. 4.

<sup>15</sup> Até o ano de 1941 os Estados Unidos ainda não haviam entrado oficialmente na Segunda Guerra Mundial. Porém, após o ataque japonês a base norte-americana de Pearl Harbor, que se localizava no oceano pacífico, a nação chefiada por Franklin Delano Roosevelt resolveu entrar efetivamente no conflito do lado dos aliados, assim buscando a derrota do

## DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

diplomáticas que impulsionou o gradativo alinhamento do Brasil aos Aliados. Após uma sucessão de medidas e de represálias por parte do Eixo, a declaração de guerra a estas potências e a assinatura do Acordo de Washington ocorreu em agosto do ano seguinte.<sup>16</sup>

Cada vez mais o sentimento de união entre as Américas e a defesa de um bloco pan-americano foi defendido. Desta maneira, tratando o ataque nipônico a base militar norte-americana de Pearl Harbor, não como um ataque isolado aos Estados Unidos, mas um ataque a soberania americana como um todo. A ideia de formação de um bloco americano, onde todos estes países se propusessem a confrontar o eixo foi construída em cima dos valores democráticos de liberdade.

Até que o Japão acendeu a guerra no Pacífico, o nosso hemisfério observou a neutralidade em face do conflito mundial. A agressão do Império Nipônico aos domínios dos Estados Unidos, naquele remoto oceano, deu motivo a uma atitude decidida, por parte de todas as nações do Continente. A Conferência de consulta dos chanceleres, no Rio de Janeiro, encerrou-se, ontem, com pleno êxito, no sentido de manter íntima solidariedade entre as potências desta parte do Mundo. [...] não há mais as três Américas. Existe apenas a América.<sup>17</sup>

Neste ponto é possível, perceber como as diversas justificativas acabaram por fortalecer o apoio aos Estados Unidos contra o Eixo.

Até 1942, ano da instalação das bases do Pici e do “Cocorote”<sup>18</sup>, Fortaleza e seus 200 mil habitantes ainda não haviam percebido o engrandecimento de seus papéis dentro da Segunda Guerra Mundial. Pois, através da assinatura dos Acordos de Washington e da construção das bases, Fortaleza foi inserida estrategicamente na lógica militar e no percurso das grandes travessias atlânticas.

---

Eixo. (AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998..)

<sup>16</sup> ALVES, Wagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>17</sup> O bloco americano. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 de Jan. 1942, p. 1.

<sup>18</sup> Assim era chamada pelos fortalezenses a base existente no Coco, a Coco Route em inglês, a qual acabou tendo seu nome “aportuguesado”, desta maneira gerando esta nova corruptela da língua. Não sendo a única palavra a passar por esse processo, expressões como short guy (pequeno rapaz) e son-of-a-bitch (filho da puta), se transformaram em xoriguai e sanabicha. (GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008.)

Segundo os jornalistas Augusto Oliveira e Ivonildo Lavor, antes mesmo do rompimento com o Eixo, da declaração de guerra brasileira e da assinatura dos Acordos de Washington, os especialistas norte-americanos já haviam escolhido o antigo “Sítio Peci” para a construção da base militar em Fortaleza. Este local passou a ser conhecido como Campo do Pici<sup>19</sup> (Pici Field) e teve sua construção iniciada em julho de 1941. Girão<sup>20</sup> nos ajuda a compreender a escolha do local para a instalação da Base:

Os engenheiros militares dos Estados Unidos desembarcaram no Nordeste em meados de 1941, portanto alguns meses antes do ataque nipônico à base estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí. [...] Em Fortaleza, os serviços topográficos foram iniciados em julho de 1941, sendo a construção da Base do Pici entregue à firma Campello & Gentil, a mesma que construía Parnamirim. O objetivo era adequar o local com uma pista de 5.000 pés de comprimento, de forma a permitir o trânsito de aviões de porte médio e prestar apoio aqueles cumprindo missões de patrulhamento anti-submarinos.<sup>21</sup>

Porém, a construção da base no Pici não procedeu da maneira esperada. Alguns contratempos logísticos e estratégicos, fizeram com que pouco tempo depois da entrega completa da base, a mesma tivesse seu uso descartado.

A pista do Pici ficaria definitivamente pronta em março de 1942 e quando isso aconteceu – pasmem – ela já era”. Aparentemente [...] teria havido uma precipitação na decisão inicial, pois a localização do Pici não era boa, a orientação da pista não se adequava aos ventos dominantes e, sobretudo, o quadro estratégico da guerra evoluía. O que se desejava agora era uma pista capaz de permitir a decolagem dos grandes aviões de bombardeio com destino à África, de forma a contornar eventuais saturações do campo de Parnamirim.<sup>22</sup>

Com a impossibilidade de utilização da pista do Pici, os engenheiros norte-americanos buscaram uma solução viável:

---

<sup>19</sup> A história do nome Pici remete a várias origens que não pretendemos discutir neste trabalho.

<sup>20</sup> GIRÃO, Blanchard. Op. Cit. 2008.

<sup>21</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 36-37.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 38.

Despontou a idéia entre os técnicos e estrategistas americanos, que positivamente teria arruinado o processo de desenvolvimento futuro da capital cearense. Conceberam eles um campo de pouso, de vastas proporções à borda do oceano, a que denominaram de “Mucuripe Field”. O seu nascimento seria então na “mata da Aldeota”, onde hoje está, com exatidão, a Praça Portugal, referencia principal do mais rico e importante bairro de nossa metrópole no presente.<sup>23</sup>

Percebemos que o crescimento do tráfego aéreo para Natal, as limitações da pista do Pici e a posição desfavorável do vento, fizeram com que o comando da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos<sup>24</sup> resolvesse construir uma segunda base militar em Fortaleza. O Campo do Pici ficou então sob a responsabilidade da Marinha dos Estados Unidos<sup>25</sup>, e passou a ser construído o “Mucuripe Field”.

Assim é que [...] em fevereiro de 1943, começaram o levantamento topográfico do local onde seria construída a nova base Mucuripe Field [...] Esta pista se concluída provavelmente teria a sua cabeceira norte mais ou menos onde hoje é a Praça Portugal em Fortaleza, ou seja no meio da Aldeota. Eram previstas duas pistas de 10.000 pés e uma enorme base, quase do mesmo porte de Parnamirim. [...] em junho de 1943, quando já se construía o Rancho e quatro alojamentos da Base e se iniciara a terraplanagem da pista, o trabalho foi suspenso, pois chegara a ordem para fazer o campo em outro local alternativo. Segundo alguns documentos confidenciais norte-americanos da época, a razão da mudança teria sido a pressão dos proprietários de terra, preocupados com a desvalorização de uma área para onde a cidade tenderia a crescer. Em outros registros, entretanto, é citada ação incisiva do Tte.-Cel.-Av. Macêdo, comandante da Base Aérea brasileira, que pressionava no sentido de que a base americana fosse construída em local que pudesse ser acessível aos aviões brasileiros estacionados no Alto da Balança. [...] De qualquer forma, o fato é que a base americana foi construída no Cocorote e uma enorme pista de táxi - a Barata Ribeiro, - a interligou com o Alto da Balança.<sup>26</sup>

Percebemos que a construção da base militar no Mucuripe também acabou não se completando. Ao novo local escolhido para a construção definitiva da base militar foi dada a denominação de Campo Adjacente

---

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> United States Army Air Forces (USAAF).

<sup>25</sup> U.S. Navy.

<sup>26</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 38-39.

(Adejacento Field), por estar próximo ao Campo do Pici, ponto inicial da construção. Com uma denominação esdrúxula como essa, os cearenses logo passaram a chamar o lugar de “Base do Cocorote”, referência ao nome cócó route (rota do cócó) como os soldados a chamavam.

Inaugurado em 10 de dezembro de 1943, a Base do Cocorote (Adjacento Field) serviu durante cinco meses, até 14 de maio de 1944, com o intuito de desafogar o tráfego aéreo do Parnamirim Field em Natal. Em Fortaleza, após muitos imprevistos, o primeiro campo de pouso realmente terminado e utilizado foi o do Alto da Balança, que estava ligado a Base do Cocorote. Dessa maneira, este campo de pouso se transformou em um ponto de apoio dos aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN).<sup>27</sup>

Além da instalação da base militar em Fortaleza, também foi fundada a Organização dos Estados Unidos (United States Organization ou USO) em 1941. A USO foi uma organização privada criada a pedido do então presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt. Ele desejava a união de pessoas e organizações para fornecimento de serviços recreativos que ajudassem na elevação do moral das tropas americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Nesta perspectiva, a criação de uma imagem unificada, onde cidadãos fortalezenses e soldados norte-americanos estavam unidos além do acordo assinado, reforçava a ideia de união entre os povos. Ideia esta já difundida através do discurso do bloco pan-americano e da defesa mútua e una da América.

Na capital alencarina, a sede da USO ficou localizada em uma suntuosa residência à beira-mar da Praia de Iracema. A antiga Praia dos Peixes era então um local ainda pouco utilizado pela população local, onde existiam apenas algumas casas de veraneio. A residência utilizada pelos americanos, um verdadeiro palacete, havia sido construída em 1920 pelo rico coronel pernambucano José Magalhães Porto, que morava na cidade e a denominou inicialmente de “Vila Morena”.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> OLIVEIRA, Augusto; LAVOUR, Ivonildo. **A história da Aviação no Ceará**. Fortaleza: Expressões Gráfica e Edições Ltda, 2008.

<sup>28</sup> AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998.

Assim, percebemos o processo de instalação física da base militar norte-americana em Fortaleza. Atentamos que não só a base militar foi inserida dentro do cotidiano fortalezense, mas também a USO, onde o convívio entre soldados e uma parcela dos cidadãos começou a estreitar relações. Desta maneira, começamos a perceber o desenvolvimento do processo de aproximação entre fortalezenses e os soldados norte-americanos que vieram para a cidade. Assim, abrimos caminho para pensar esta aproximação e como o convívio com os estadunidenses podem ter influenciado novos hábitos e costumes nos cidadãos fortalezenses.

### **Na onda do “American Way of Life”: boa vizinhança e novos costumes**

A década de 1940 foi marcada por uma intensa transformação nos hábitos e costumes dos cidadãos fortalezenses. Era visível, principalmente, entre os anos de 1942 e 1945, como os cidadãos sofreram influencia direta e indireta em seu cotidiano. Este processo foi, sobretudo, marcado pela inserção de práticas culturais estadunidenses, onde o ideal de progresso esteve constantemente ladeado pelo consumo de produtos técnicos científicos e pela busca de legitimação de um “status social”.

Compreendemos a aproximação ocorrida entre Estados Unidos e Brasil através dos Acordos de Washington em 1942. Entretanto, devemos levar em consideração a execução da política de boa vizinhança desenvolvida pelo presidente Roosevelt como parte importante dessa aproximação. A intenção de aproximar E.U.A. e o restante da América-Latina, sobretudo, através do viés cultural e econômico, teve forte relevância nesta influência sofrida pelos cidadãos fortalezenses. Juntamente com a Fundação Rockefeller foi criada “uma espécie de fábrica de ideologias” altamente difundida no território brasileiro, assim, não ficando de fora deste processo a cidade de Fortaleza. Desta forma, com a concessão do governo brasileiro, os Estados Unidos passou a veicular, através dos meios de informação como jornais e rádios, uma forte campanha com a “idéia de uma defesa incondicional do hemisfério ocidental, a integração cultural e

econômica das Américas, a preservação de um mundo democrático e o compromisso de protocooperação.”<sup>29</sup>

Percebemos que a ideia de “protocooperação” foi forte aliada da política de boa vizinhança. Cada vez mais a necessidade de trazer para próximo de si os países latino-americanos e, ao mesmo tempo, criar uma barreira que impedisse a aproximação entre estes e os países pertencentes ao Eixo, se fez presente em inúmeras notícias do período.

Esse sentimento de união entre os povos pode ser sentido no cotidiano fortalezense através do convívio entre os soldados estadunidenses e a população. A partir das comemorações do dia da independência dos Estados Unidos, realizada em Fortaleza, podemos ter acesso a uma forma mais “planejada e direcionada” de dar mostras dessa aproximação.

Em nossa capital, realizam-se, hoje, expressivas comemorações ao dia da independência norte-americana. O cônsul ianque, entre nós, o Sr. William Preston Rambo, dará recepção em sua residência. [...] Às 21 horas o Touring Clube, secção do Ceará, de que é diretor o Sr. Olavo Falcão, oferecerá uma recepção de honra, no “Ideal”, abrilhantada pela orquestra da P.R.E.9, sob a regência do maestro Ercole Vareto. A emissora local organizou, igualmente, um programa de homenagem à data, que terá início às 19:30. Às 10 horas, houve, na Escola Preparatória, a tocante cerimônia da entrega do estandarte do estabelecimento, confeccionado pela mulher cearense. E ao meio-dia os estudantes de direito promoveram um almoço de confraternização, verificando-se, também, a essa hora, a homenagem dos Chauffeurs e Bambeiros de Fortaleza, na Praça do Ferreira.<sup>30</sup>

Recepções em clubes aristocráticos da cidade, programação especial no rádio e homenagens em escolas, foram algumas das manifestações que ocorreram em Fortaleza pela comemoração do dia da Independência norte-americana. Através da participação de alguns setores da sociedade, incluindo até um desfile conjunto entre soldados dos dois países, podemos vislumbrar como esta aproximação estava aos poucos sendo cristalizada.

Segundo Blanchard Girão:

<sup>29</sup> SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua**: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). Dissertação de mestrado. Departamento de História - UFC, 2008.

<sup>30</sup> As comemorações do Independence Day, em Fortaleza. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 de jul. 1942, p. 1.

[...] a data da independência americana, o 4 de julho, merecia expressivas manifestações entre nós. Os clubes promoviam seus “Bailes de Independência”, seus torneios esportivos assinalando o dia, enquanto os jornais abriram seus espaços mais nobres para registrar a efeméride. Tio Sam com sua cartola estava em toda parte. No Praia Clube, um “point” de forte apelo da juventude, [...]. Ao som do hino americano, hasteavam-se altaneiros os pavilhões do Brasil e dos Estados Unidos em estabelecimentos de ensino, em agremiações sociais, em repartições. Enfim, vivíamos a vibração patriótica do povo ianque sintetizada naquelas comemorações. [...] O detalhe mais significativo daquela Semana da Pátria de 43 ficou por conta da presença de um numeroso pelotão de soldados norte-americanos, sediados em Fortaleza, marchando lado a lado com as tropas brasileiras. Entrelaçadas, as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos abriram a passagem cadenciada, ao som das fanfarras e taróis das guarnições militares, enquanto os aplausos mais vibrantes partiam da multidão postada nas calçadas.<sup>31</sup>

O fato das autoridades fortalezenses terem organizado um desfile público, onde soldados das duas nações marcharam lado a lado com as bandeiras entrelaçadas, representou o sentido máximo de aproximação da política da boa vizinhança. Assim, mostrando a todos os cidadãos fortalezenses, que Brasil e Estados Unidos estavam “interligados” muito mais do que apenas através dos acordos firmados. A aproximação ultrapassava o viés político-econômico.

Com a intensificação deste processo e cumprindo cláusula do acordo firmado, vieram para o Brasil técnicos norte-americanos. Estes ficaram responsáveis de ajudar os brasileiros na fabricação de produtos que, naquele momento, não era possível importar de outros países por conta do clima beligerante internacional. Assim sendo noticiado, inclusive, em jornais de outros países.

[...] “A missão presidida por Lorris L. Koock constituirá importante ajuda ao Brasil. Esses engenheiros poderão auxiliar os brasileiros na fabricação de produtos que eles não podem atualmente importar do estrangeiro, utilização de sucedâneos de matérias primas, melhoria de transporte e produção de energia elétrica. Assim, poderão os industriais brasileiros aprender os métodos e a técnica norte-americana. Não só poderão imediatamente realizar certo

<sup>31</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 129.

número de projetos, como também receberão ajuda no plano de desenvolvimento industrial após a guerra. O êxito da missão Kooock pode contribuir imensamente para a intensificação das relações econômicas, depois da guerra, entre os Estados Unidos e as repúblicas latino-americanas. Podem estabelecer medidas para a mais estreita colaboração das empresas e capitais dos Estados Unidos com os recursos daquela república, sob concessões que eliminem quaisquer suspeitas de confiança, sempre o principal obstáculo de esforços dessa natureza.<sup>32</sup>

Logicamente, fazia parte do acordo firmado que os Estados Unidos investissem na produção industrial brasileira. Porém, o envio destes técnicos ultrapassou o senso de obrigação. A intenção, acima de tudo, era a intensificação das relações econômicas de uma maneira que elas perdurassem mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial. O governo norte-americano viu no Brasil uma imensa oportunidade de angariar investimentos futuros, mesmo após o conflito e, por isso, investiu tanto na consolidação desta aproximação.

Porém, essa iniciativa não cessou nesta única peculiaridade. O “American way of life”, ou seja, o “modo de viver americano”, também passou a vigorar em solo fortalezense juntamente com a política do boa vizinhança. Dessa forma, inserindo no cotidiano “alencarino” costumes originários da terra do “Tio Sam”. Mecanismos como o rádio e o cinema, mais uma vez, foram aliados da propagação da maneira norte-americana de se vestir, de comer, de falar e tantas outras características. Com a chegada do “modo americano de viver”, a programação radiofônica e os filmes exibidos passaram a possuir importância direta na difusão destas novas práticas.

Para Certeau<sup>33</sup>, a compreensão das práticas cotidianas está inserida dentro da perspectiva de diferenciação entre táticas e estratégias. O autor nos explica que a estratégia são os mecanismos pensados pelo poder constituído, onde o mesmo busca planejar a maneira com que a população deve agir dentro de determinado espaço. Assim, as estratégias, através da

<sup>32</sup> Para ensinar aos brasileiros a técnica industrial norte-americana. **O Nordeste**, Fortaleza, 4 de set. 1942, p. 1.

<sup>33</sup> CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ, 1994.

utilização deste espaço materializado, seriam capazes de produzir, mapear e se impor, ao passo que, as táticas só poderiam agir de acordo com o tempo, onde as mesmas só seriam capazes de manipular e alterar as estratégias já formuladas. Assim, as táticas seriam as astúcias de uma população, através das quais elas repensam e burlam a maneira de execução que foi planejada para elas. Assim, compreendemos as práticas como as maneiras de fazer cotidiana, onde as astúcias, mais que qualquer outra coisa, burlam a imposição deste planejamento.

Ainda sobre a força exercida pelo cinema na capital cearense, podemos perceber o alcance desta influência através dos escritos de Blanchard Girão:

O cinema é a maior diversão. A frase, um tanto desatualizada, adequava-se, contudo, à época em que o mundo conflagrado estava exposto nas telas. [...] Naqueles dias bem distantes, a cidade buscava no cinema o seu principal lazer. O Diogo, o Moderno e o Majestic – as três salas mais distintas e em cada bairro um cineminha mais modesto (o Luz, o Rex, o Ventura, o Benfica, tantos mais) estavam sempre lotados. [...] Quase todos os filmes tinham uma só procedência: Estados Unidos da América do Norte, pois impossível à importação de filmes europeus. A minha geração – meninos e adolescentes da década de 40 – sofreu decisiva influência do cinema, ou mais propriamente do cinema norte-americano. Diante de nossos olhos, em espetáculos deslumbrantes e majestosos, a apologia do heroísmo do homem americano, sua bravura pessoal, seu amor à liberdade, dentro de uma visão propagandística da invencibilidade da máquina bélica dos Estados Unidos. Claro que esta mensagem impregnava os espíritos em formação, através da disseminação daqueles valores que entravam, quase que em caráter definitivo, na estrutura mental da juventude de então. Ademais, os filmes nos ofereciam, ao mesmo tempo, os paradigmas glamorosos de uma sociedade rica, bonita, exaltada através da indiscutível e selecionada beleza dos astros e estrelas que o marketing de Hollywood elevava ao nível de divindades.<sup>34</sup>

O heroísmo e o patriotismo retratados nas telonas entusiasmavam a população, principalmente os jovens, bem como, as peculiaridades “glamorosas” de uma “sociedade rica e bonita”, a qual foi intensamente exaltada através dos astros e estrelas dos filmes hollywoodianos. A

<sup>34</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 84.

disseminação dos valores estadunidenses passou a vigorar nesse tipo de produção, assim “impregnando” os valores daqueles jovens.

Os cidadãos fortalezenses passaram a divinizar os atores e atrizes que atuaram nestas produções norte-americanas. Assim, através dessa conotação divinizadora que as produções cinematográficas assumiram, o marketing de Hollywood acabou difundindo de maneira intensificada os hábitos estadunidenses, principalmente através do viés cultural.

Blanchard Girão nos conta que:

Na estrada dessa avalanche cultural, propagaram-se costumes e hábitos que ganhavam força persuasiva pelos que os praticavam, celebridades endeusadas no altar da fama universal. Por exemplo, o vício de fumar. Na tela, o galã charmoso ou a estrela cintilante abusavam do cigarro, como se aquilo fosse um complemento da maneira melhor de viver. Não se sabe até que ponto funcionava o patrocínio do poder econômico da indústria tabagista. Mas, na mensagem subliminar, de forte conteúdo estético, o cigarro acabou penetrando mais e mais no cotidiano da meninada, que se espelhava, obviamente, nos seus ídolos cinematográficos.<sup>35</sup>

Dessa maneira, percebemos como as atitudes tomadas pelos personagens cinematográficos acabavam influenciando determinados costumes dos cidadãos. Neste caso, o cigarro, através de um forte apelo estético, acabou sendo disseminado entre os jovens que assistiam aos filmes.<sup>36</sup> Pois, se a estrela de um filme norte-americano aparecia fumando, isto representava uma “maneira melhor de viver”, já que aquela produção cinematográfica era originária dos Estados Unidos, país que era tido como a terra do “progresso”.

Assim, quase que “logicamente”, os cidadãos associavam as atitudes tomadas nos filmes com um jeito “mais correto” de viver o cotidiano. Pois, como falamos anteriormente, se construiu na mentalidade da população fortalezense a ideia de que os costumes estadunidenses e a civilização estariam intrinsecamente ligados.

<sup>35</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 85.

<sup>36</sup> Logicamente, devemos levar em consideração que o apelo da indústria tabagística era feito não só através dos filmes. Muitos jornais faziam uma divulgação positiva do hábito de fumar, inclusive salientando benefícios a saúde. (AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998.).

## DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Através de Norbert Elias<sup>37</sup> e seu trabalho sobre o “processo civilizador”, identificamos “o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo”<sup>38</sup>. Assim, neste sentido, compreendemos a civilização sendo o processo pelo que se tentou adaptar os cidadãos a determinados costumes que, naquele momento, possuíam como base os Estados Unidos. A Fortaleza do começo da década de 1940 era uma cidade que almejava a “civilização” e com a deflagração do conflito mundial, este “processo civilizador” passou diretamente pela incorporação de hábitos e costumes estadunidenses, assim, como na década de 1920 passou pela incorporação dos hábitos franceses.

Todavia:

A influência não se restringia apenas ao hábito de fumar. Mas vinham dos idolatrados atores e atrizes as modas do vestir masculino e feminino, os cortes de cabelo, a maneira de aparar o bigode (famosos os de Clark Gable, Robert Taylor e Tyrone Power), sem falar na masculinidade valente de um John Wayne, dum Henry Fonda, de um Victor Mature ou de um Randolph Scott [...].<sup>39</sup>

O American way of life se impôs:

Deixamos para trás o modelo europeu, predominantemente francês, para seguir os hábitos americanos. Tornamo-nos, em poucos anos, bebedores de Coca-Cola, comedores de sanduíche “macdonald”, adeptos do slack e da bermuda, até os dias presentes, quando, em ruidoso processo de globalização, somos praticamente uma caricatura do “grande irmão” do norte.<sup>40</sup>

“De imediato uma onda de interesse pelo domínio do inglês apossou-se dos fortalezenses”<sup>41</sup>. Naquele momento, passou a ser de boa estirpe usar o inglês, aprender o idioma usado pelas estrelas de cinema e pelos soldados ianques trouxe “status social”. Moças e rapazes, pertencentes às famílias abastadas, aprenderam o novo idioma pela distinção social que o mesmo

---

<sup>37</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>39</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 85.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 85.

proporcionou. Por toda parte abriam-se cursos de aprendizado do idioma inglês.<sup>42</sup>

Percebemos o aumento do interesse não só pelos artistas e celebridades norte-americanas, mas também pelo estudo de sua cultura. Na época em questão, não surgiram somente cursos de inglês, mas também “diversas agremiações como o “Circle os English Conversation” e o “Hyphen Club”, filiados ao Instituto Brasil-EUA no Ceará. Palavras e expressões como “footing”, “street”, “OK”, “bungalows”, “hall”, “lobby”, “bis”, “club”, “design”, etc.”<sup>43</sup> passaram a figurar no linguajar fortalezense.

O rádio também exerceu função estratégica de “propagador ideológico” do “American way of life”. “Nos rádios, os mais velhos ouviam os ritmos norte-americanos regidos pela orquestra de Glen Miller e Xavier Cugat”, assim como as melodias musicais de ritmos como o Jazz e o Blues.<sup>44</sup> Ritmos e músicas norte-americanas passaram a figurar no “topo das paradas” de sucesso. Dessa forma, passando a embalar os momentos de lazer de muitos cidadãos fortalezense que possuíam o objeto<sup>45</sup>.

Assim, completando seus papéis na divulgação dos ideais norte-americanos, rádio e cinema serviram como mecanismos estratégicos de divulgação do processo que chamamos de “americanização” da população fortalezense, o qual podemos fazer referência direta com o “processo civilizador” pretendido naquele momento em Fortaleza.

Desta forma, a partir do conceito de “estratégia”<sup>46</sup>, percebemos como os mecanismos pensados e executados pelo Estado ou pelas classes abastadas deram continuidade a um “processo civilizador” que se almejava,

---

<sup>42</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>43</sup> SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua**: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). Dissertação de mestrado. Departamento de História - UFC, 2008, p. 33.

<sup>44</sup> GIRÃO, Blanchard. Op. Cit., 2008, p. 86.

<sup>45</sup> Vale ser lembrado que nem todos os cidadãos fortalezenses possuíam rádio em casa ou, poderiam ir ao cinema. Essas duas formas de propagação ideológica norte-americana também eram elementos de distinção social. Pois somente a parte mais abastada da sociedade possuía acesso a esses instrumentos. Assim, nos fica mais claro qual parcela da população teve um contato mais intensivo com o “eufórico” “America way of life”. (SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua**: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). Dissertação de mestrado. Departamento de História - UFC, 2008)

<sup>46</sup> CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ, 1994.

## DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

onde mecanismos propagandísticos, como rádio e cinema, possuíram a função de “aproximar” e facilitar o contato da população com roupas, comidas e objetos técnicos oriundos dos Estados Unidos.

Dessa maneira, através destes mecanismos, a população fortalezense entrou em contato mais direto com os costumes norte-americanos. Assim, transformando a maneira de se vestir, de falar, de comer; a inspiração para as construções públicas, como praças e ruas, e para as construções privadas, como as grandes mansões pertencentes a famílias aristocráticas da época. Percebemos que através dos adornos nas vestimentas, da configuração física do lar, a elite fortalezense se apoderava destas práticas culturais. Desta maneira, se diferenciando socialmente dos demais cidadãos de Fortaleza.

Os homens usavam ternos de linho [...]. As mulheres usavam muita seda francesa, com estampas florais sobre fundo negro [...] Os sapatos eram, quase sempre, combinados de pelica e camurça, abertos, de preferência [...] As luvas eram indispensáveis, [...] do mesmo jeito que o chapéu. Os decotes eram discretos, as saias desciam até esconderem as batatas das pernas envoltas em meia de seda [...] Nos idos de 45, a Avenida do Imperador é uma espécie de porta de entrada para o aristocrático bairro de Jacarecanga. [...] Suas casas são diferentes, portentosas, nobres, [...]. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo “ART Nouveau” com as imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras “rendas” e arabescos fundidos. As portas têm rótulos e postigos com vidraças coloridas importadas da França [...] <sup>47</sup>

“No Brasil, outros eram os costumes. Homens sem ternos e chapéus, substituídos por trajés leves, calça e camisa de mangas curtas, as mulheres passando a fumar em público, encurtando as saias e introduzindo o uso de calças masculinas. Estávamos submetidos ao figurino que os americanos, pelo cinema e, diretamente, nos haviam transmitido.” <sup>48</sup>

Assim:

[...] as camisas de nylon, as canetas Parker, os cigarros Camel ou Chesterfield, o slack, o sanduíche, de um modo geral, eram coisas comuns ao cotidiano nordestino

<sup>47</sup> LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996, p. 29-33.

<sup>48</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 137.

## Os sopros de um conflito: a influência norte-americana em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial

| Reversion Nascimento Paula

(Fortaleza, Natal, Recife em primeiro plano) por conta da forte presença norte-americana. A influência maior foi no idioma. As velhas palavras francesas, tão ao gosto das nossas elites na primeira metade do século anterior, foram rapidamente substituídas por vocábulos ingleses, popularizados pelos soldados e incorporados ao linguajar do povo nas ruas de Natal e Fortaleza. Já não se dizia comumente o “sim”, mas “yes” ou “ok”, espetáculo virou show, amigo tornou-se “friend”, rapaz era “boy”, moça era “girl” e um sem-número de outras expressões que, nos dias atuais, já se aportuguesaram na pronúncia e na forma de escrever. Adaptadas, estão hoje tão nossas como deles. [...] No período, uma invasão cultural, com os brasileiros, notadamente os mais jovens, conhecendo os grandes nomes da literatura dos Estados Unidos. Autores como John Steinbeck, Truman Capote, William Faulkner, Eskine Caldwell, e principalmente Ernest Hemingway, tornaram-se íntimos, através da tradução de suas principais obras, algumas transplantadas para o cinema em filmes épicos produzidos em Hollywood, a exemplo de “As vinhas da Ira”, “Boêmios Errantes” e “Rato do Deserto”, De Steinbeck, e “Por quem os Sinos Dobram”, de Hemingway. Nesse particular, foi extraordinariamente positiva a influência norte-americana.<sup>49</sup>

Porém, com o desenvolvimento do “American way of life” e através da disseminação cinematográfica e radiofônica, a população fortalezense aderiu a novas maneiras. O que era comum, como os ternos e gravatas, os vestidos abaixo do joelho, a bananada ou a abacatada, o refresco de Muricy e o famoso “pega pinto do mundico”<sup>50</sup> acabaram sendo substituídos.

Devagar e sempre fomos esquecendo o pega-pinto com sanduíche de queijo de coalho, a cambica de murici, o suco de maracujá, o esplêndido e insuperável refresco de cajá ou de graviola, pelo sabor químico (e ninguém sabe até que ponto nocivo) do xarope ianque de tem na sua fórmula um pouquinho de coca (que coca?), que contamina e vicia. Entramos definitivamente na civilização da Coca-Cola com sanduíche do Mac Donald’s. Desgraçadamente, em tempos de globalização, americanalhamo-nos.<sup>51</sup>

Cada vez mais este processo foi tomando ares de grandiosidade. Assim, chegando a adentrar a consumação dos produtos técnicos científicos,

---

<sup>49</sup> Ibidem, p. 169-170.

<sup>50</sup> Refresco feito à base de frutas e alcatrão. Seu consumo era bastante comum naquele período. (LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996)

<sup>51</sup> Ibidem, p. 115.

de utensílios domésticos e até de maquiagem. Porém, esses produtos só obtiveram sucesso em influenciar o cotidiano fortalezense e conseguiram entrar nos lares, pois acabaram encontrando um desejo interior de possuir determinados tipos de objetos e assim, tanto se diferenciar socialmente como facilitar alguns “afazeres” cotidianos.

Segundo Silva Filho o alvo contínuo das reflexões:

[...] é a modernidade urbana, especificamente as modalidades históricas pelas quais ela se apresenta em Fortaleza, em fins da década de 1930 e se estendendo até meados dos anos 40. Período em que, segundo interpreto, ocorre uma transposição – vital, porém repleta de tensões e contramarchas – de um paradigma civilizatório inspirado na cultura francesa, mais ligado ao universo das belas letras e da erudição de círculos da elite, em direção a uma vertente calcada no progresso material e no poderio técnico, representado pela sociedade norte-americana. Aos poucos, vão se desenhando os contornos locais de uma ambição ao moderno profundamente assinalada pelo avanço tecnológico, a aceleração da dinâmica urbana e a incitação ao consumo de objetos importados. [...] O deslumbramento com a tecnologia, não raramente alçada à condição de mitologia moderna, faz parte desse contato peculiar do mundo ibero-americano com a cultura material do capitalismo ocidental. Durante os anos 40, em Fortaleza não faltaram experiências com o fetiche dos objetos. Ao olhar as vitrines, sorver as mercadorias pelas telas do cinema, adquirir um artefato pouco importando qual sua utilidade prática, os habitantes exprimiam fascínio por uma modernidade precária, eivada de sonho e fabulação. Sua própria fragilidade compelia à tomada de efigies cristalizadas do mundo moderno, ganhando destaque algumas obras públicas e certos objetos importados.<sup>52</sup>

Para clarear nossas mentes sobre esse “deslubrimento com a tecnologia” que Silva Filho nos fala, Marciano Lopes nos mostra como esses produtos já haviam sido desejados por parte da população fortalezense dentro da dinâmica urbana de “fetichização” destes objetos e da necessidade de diminuir o tempo gasto com determinadas tarefas.

“Tomara que já inventem uma batedeira elétrica, algo que diminua o cansaço da gente! Pra fazer tantos bolos, a gente usa demais os músculos dos braços com o exercício de bater ovos, mexer os ingredientes. Quando se coloca a farinha de trigo, fica tão pesado”. Assim pensa Zelfa, enquanto mexe e

<sup>52</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do consumo**: Fortaleza no tempo da segunda grande guerra. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002, p. 9-10.

mexe e mexe [...] E ela se lastima: “quando é que vão inventar uma geringonça qualquer que raspe os cocos, dispensando da gente um exercício tão cansativo?...” [...] Será que nunca vão inventar um fogão bem moderno, no qual basta girar um botão para ele se acender, sem precisar de lenha, sem produzir cinza, nem sujar as paredes? [...] Num canto, Irene rala as espigas de milho verde para as canjicas e as pamonhas e reclama: “será que a gente vai ter de ficar a vida toda ralando milho pra fazer canjica? Por que não inventam uma máquina que triture os grãos e facilite a vida das pessoas”.<sup>53</sup>

Muitos buscavam a diferenciação social, pois possuir determinado produto era sinônimo de poder econômico. Assim, muitos objetos passaram a ser desejados não só pela sua utilidade diária, mas principalmente pelo caráter simbólico e pelo status social proporcionavam.<sup>54</sup> Percebemos também que determinados produtos possuíam muita utilidade na rotina de qualquer pessoa. Pois traziam inovações técnicas que até aquele momento não haviam sido experimentadas por tantas pessoas.

Com o advento da guerra um grande desenvolvimento técnico científico ocorreu em diversos setores, os quais acabaram sendo utilizados posteriormente por cidadãos de variadas localidades e, precisamente para outros fins, diferentes do que originalmente teria sido imaginado.

“Na segunda metade dos anos quarenta, terminada a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa arrasada procurava recuperar-se, emergindo dos escombros, os americanos inventaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica.”<sup>55</sup>

O plástico, que não ficara só nos copos, aumentou a família na forma de bacias, baldes, tigelas, pratos e até penicos. Aí, lançaram a grande novidade: o plástico e forma de tecido, em peças de estampados canhestros. Mas que sensação! As mulheres não perderam tempo. Fizeram vestidos. E desfilavam na esquina da “Broadway”. Mas frustradas porque o vento não levantava suas saias para os “fiu-fius” da rapaziada, nem uma leve brisa para refrescar lá embaixo.

<sup>53</sup> LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996, p. 73-74.

<sup>54</sup> SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua**: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). Dissertação de mestrado. Departamento de História - UFC, 2008.

<sup>55</sup> LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996, p. 125.

Jogaram os vestidos no lixo e só então descobriram que a novidade servia era para fazer cortinas de banheiro [...] <sup>56</sup>

Determinados produtos foram criados para um fim específico, porém, ao chegar a outras localidades, os cidadãos se apropriavam deles de maneiras diferentes do que foi a imaginada. Silva Filho nos ajuda a compreender este processo a partir da concepção de táticas desenvolvida por Certeau <sup>57</sup>:

A diferença é que, ao invés de agregar pedaços de metal, capturam os sonhos pessoais e o imaginário coletivo. Pensar essa aura que circunda os objetos não significa pontificar uma presumida submissão dos sujeitos ao imperativo da técnica, ou reeditar cingidamente as agruras da alienação. Pelo contrário, lidar com tal atmosfera de sedução conduz a refletir sobre o consumo numa perspectiva ampla, que concerne não só ao reino da mercadoria em obsolescência e da expansão do capital (sociedade do consumo), mas às “artes de fazer” sugeridas por Michel de Certeau (consumo como produção cultural), abrindo espaço para o uso não prescrito, suscetível de improvisos e adaptações não hegemônicas, que se constitui na vivência cotidiana. Por conseguinte, encantar-se com o objeto implica tanto vir a tornar-se presa fácil dos estratagemas publicitários, quanto recriar as funções e os atributos dos artefatos, utilizá-los de maneiras destoantes da concepção normativa. <sup>58</sup>

O próprio Michel de Certeau <sup>59</sup> nos conta que o sistema produtor-consumidor nem sempre funciona da maneira estrategicamente pré-concebida. Em diversas ocasiões o “consumidor” se (re)apropria de determinadas práticas e tanto as interpreta de maneira diferente, como as utiliza diferenciadamente, assim se utilizando de suas astúcias e de sua maneira de fazer cotidiana.

Ainda sobre os produtos que chegaram a Fortaleza naquele período, poderíamos citar um que acertou certamente o gosto feminino, a maquiagem. Até por que os produtos que as mulheres utilizavam para se “embelezarem” não existiam em grande variedade e, às vezes, se tornavam rapidamente escassos no mercado. Assim, tendo as mesmas que

---

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 127.

<sup>57</sup> CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ, 1994.

<sup>58</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do consumo**: Fortaleza no tempo da segunda grande guerra. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002, p. 13.

<sup>59</sup> CERTEAU, Michel. *Op. Cit.*, 1994.

recorrerem, também, as astúcias do dia-a-dia e utilizando-se de diversas táticas para conseguirem o tão querido “embelezamento”.

O que fazia a mulher, em Fortaleza, nos idos de quarenta, para embelezar-se quando, era sabido, os recursos de maquilagens eram mínimos e a arte-indústria da cosmética ainda engatinhava? [...] Naqueles tempos, não havia xampu, as mulheres lavavam os cabelos, com raspas de juá, usavam extratos vegetais “in natura” para as mais diversas finalidades, como o óleo de côco, para fazer nascer mais cabelos e criar volume. O chá de camomila, mantinha as madeixas loiras que a luminosidade excessiva fazia escurecer, sabão de côco, retirava a oleosidade. A janela, era o secador natural. [...] A aplicação desses produtos, implicava em pequeno ritual que exigia das mulheres, a extensão de mais alguns minutos após o banho. Disse mulheres, porque, naqueles idos, homem nem sonhava em usar tais artifícios, era preferível, ficar mesmo com o “aroma” natural. Quando muito, uma fricção com limão, no máximo, bicarbonato de sódio. Como dizia, após o banho, a mulher friccionava, com os dedos, pequenas porções da geléia, nas axilas, até fazer sumir qualquer resquício do produto. Estava, então, pronta para começar a vestir-se. Produtos de maquilagem, só os imprescindíveis: batom, ruge, lápis de sobrancelhas e pó-de-arroz, a escolher, conforme a cor da pele. [...] Maquilagens em “institutos de beleza”, nem pensar. Os produtos, eram raros e não haviam os artistas-maquiladores de hoje, que transformam as caras das madames em pranchetas de pintor, tal a gama das cores, as nuanças, os arco-íris que surgem nos rostos dos clientes.<sup>60</sup>

Dessa maneira, percebemos como era o “cotidiano de embelezamento” feminino, o qual necessitava de inúmeros subterfúgios para que as mulheres conseguissem alcançar a beleza que se pretendia, mesmo sem ter como recorrer a institutos de maquiagem e a inúmeros produtos. Assim, compreendemos o alvoroço que ocorria na cidade, quando um produto chegava para ocupar um espaço vazio na sua utilização e principalmente quando “procedência” era norte-americana.

Vermelho Amor, a novíssima criação VanEas, vem de se impor a Aristocracia, da Quinta Avenida, de Nova York. As lindas “Estrelas”, toda a mais fina sociedade de Nova York, usa o moderníssimo Vermelho Amor, da VanEas. Graças a sua maravilhosa base “creme-aveludado”, o Vermelho Amor, da VanEas, empresta a seus lábios mais suavidade, vida e sedução por muitas horas. VanEas não escorre, não

<sup>60</sup> LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996, p.181-183.

## DOSSIÊ ESTADOS UNIDOS: POLÍTICA, CULTURA, SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

resseca, nem é gorduroso. Experimente ainda hoje o Vermelho Amor, da VanEas e concordará que é o mais sedutor baton jamais visto! VanEas é extra grande, portanto, mais conveniente e econômico.<sup>61</sup>

Com a chegada de determinados produtos podemos vislumbrar a sensação era que causada.

Um fato histórico: a primeira caneta esferográfica chegada ao Ceará foi para nossa casa. Àurea a ganhou de presente do Padre Monteiro da Cruz, superior dos Jesuítas, admirável orador sacro e grande amigo de nossa família. Era a última das sensações “made in USA”. Fantástico! Escreve a seco, dispensa o uso de mataborrão e não corre o perigo de derramar na roupa. [...] Nas telas, Zé Carioca, Pato Donald e Aurora Miranda, de mãos dadas, desciam a Ladeira do Bofim construída nas pranchetas de desenho de Walt Disney, cantando “Na Baixa dos Sapateiros”, de Ary Barroso. E a platéia ficava maravilhada com a magia: pessoas reais e desenho animado juntos, contracenando. Mas, tinham, também, pessoas bem vivas como Nelson Eddy e Jeannette McDonald, Fred Astaire e Ginger Rogers, Betty Grable e suas esculturais pernas. Tudo para que ficasse patenteado: o mundo PE uma festa. A vida é bela e merece ser bem curtida. E os americanos são os anfitriões, mesmo que a festa aconteça aqui [...] Assim era Fortaleza, nos tranquilos anos quarenta, após a Grande Guerra. Ingênua e pura, aceitando, sem reclamar, ao contrário, muito empolgada, as tralhas que a superpotência nos impingia. Foi assim que por aqui chegaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. Grandes lançamentos, com fundo musical e tudo. Bons tempos aqueles [...]<sup>62</sup>

Assim, percebemos que o “cotidiano de guerra”, onde medo e vigilância eram os elementos principais, não foi à única face trazida pela Segunda Guerra Mundial e pelos Acordos de Washington. Com o desenvolvimento da política de boa vizinhança e o “American way of life” compreendemos que se instalou, também, no cotidiano fortalezense, uma face de propagação ideológica que de forma estratégica marcou presença através do consumo de determinados objetos. Assim, aquela sociedade fortalezense que pretendia “alcançar” o status de cidade civilizada, mirou

<sup>61</sup>A cor sensação entre as mais modernas. **Unitário**, Fortaleza, 17 de jun. 1942, p. 7.

<sup>62</sup> LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996, p. 127.

nos hábitos e costumes norte-americanos a direção que o determinante “processo civilizador” deveria seguir.<sup>63</sup>

### **A interação de um convívio: uso, soldados e cidadãos fortalezenses**

O convívio com os soldados norte-americanos também contribuiu com a propagação do “American way of life”. Através desse contato os cidadãos fortalezenses viram na “prática” como aqueles estrangeiros se comportavam. Estes soldados trouxeram na sua estrutura psicológica uma carga sociocultural diferente dos cidadãos fortalezenses. Os valores morais e os costumes eram outros e estes não alteraram seus comportamentos por estarem fora de casa, assim deixando “transbordar” boa parte de suas práticas cotidianas. Dessa maneira, compreendemos que o convívio entre soldados e cidadão foi responsável, também, pela difusão dos costumes norte-americanos na “terra da luz”.

Com eles fumamos o cachimbo da paz, ou melhor o cigarro da paz, pois um dos elos de comunicação com os estranhos que chegavam foram os seus cigarros perfumosos: Camel, Chesterfield, Lucky-Strike, Pall-Mall – que a garotada, atropelando a língua, pedia aos soldados e marinheiros do Tio Sam, humildemente: ‘Give-me a cigarrate, please’.<sup>64</sup>

Ainda sobre o bom convívio que existiu naquela situação. Mesmo com todas as complicações trazidas pela beligerância do conflito, Dona Olga nos fornece um olhar mais detalhado sobre como a vestimenta dos cidadãos fortalezenses acabou sendo influenciada pelas roupas dos soldados norte-americanos:

---

<sup>63</sup> Todo este processo não ocorreu de maneira linear e ordeira. Diversas marchas e contramarchas, neste processo de assimilação cultural, ocorreram durante o período, setores tidos como tradicionais puseram a luta contra esses costumes mais “avançados” como ponto fundamental em questão. Jornais como “O Nordeste” e partes da aristocracia fortalezenses, ligados a Igreja, condenavam determinadas práticas, não que estes, fossem contrários ao progresso, mas acreditavam que a sociedade não deveria assumir novas posturas morais e abandonar as antigas. Dessa maneira, deveria se vislumbrar esse “novo mundo” com cautela e “sabedoria”. Porém, apesar de toda relevância que essa discussão poderia acrescentar a pesquisa, neste trabalho não pretendemos entrar de maneira mais aprofundada no debate Tradição versus Modernidade, o qual já é explorando brilhantemente em inúmeras outras produções historiográficas.

<sup>64</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”**. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 70.

[...] eu me lembro muito das roupas dos homens. É camisas com as estampas que só se usava aqui coisa lisa, sem nada, uma cor só. E aí começaram a chegar de cores diferentes, com soldados, várias estampas diferentes, com mulher dançarinas, bailarinas, começou a chegar, começaram a chegar esse produtos. [...] Me lembro das roupas, umas roupas que hoje em dia os militares usam assim estampadas, de marrom, verde e tal, eles tinham, e eles usavam também uns capacetes desses de alumínio. Acho que era alumínio aquilo. Os capacetes, aqueles capacetes, eles usavam, eles usavam aquilo. Mas quando eles saiam a rua era sempre de camisa, de camisa e calça, mas as camisas eram estampadas, eram estampadas.<sup>65</sup>

Dessa maneira, percebemos que dentro da lógica da maneira “mais correta de se viver” e do caminho para a civilização, muitos fortalezenses começaram a utilizar camisas parecidas com as dos soldados ianques.

Passou a ser “chic” falar inglês, fumar cigarros de marcas estrangeiras, usar as roupas estampadas dos soldados, comer o sanduíche e beber a tão aclamada coca-cola. Chegamos ao ponto do vestuário feminino ser marcadamente influenciado pelo masculino, onde as mulheres ditas mais “avançadas” incorporaram em seus guarda-roupas peças masculinas.

Mas não só os que consumiam os produtos possuíram um maior contato com estes soldados e seus hábitos. A própria sede da USO e a Praia de Iracema também serviram como palco para muitos encontros, sejam eles amorosos/sexuais, entre os soldados e as moças fortalezenses ou, esportivos, através de disputas realizadas naquele local.

Além das disputas de basquete, soldados e cidadãos também se encontraram algumas vezes em disputas de handebol e de futebol. Isso nos mostra que na parte esportiva a integração também estava acontecendo, inclusive, sem ocorrer nenhum tipo de mal entendido ou de agressão durante estas partidas. Parece que os soldados aceitavam bem sofrer algumas derrotas dentro das quatro linhas.<sup>66</sup>

Já na sede da USO, outros eram os tipos de encontros que ocorriam. Soldados norte-americanos utilizavam este local como ponto de descanso e

<sup>65</sup> Entrevista realizada com *Dona Olga Nunes da Costa Medeiros*, 77 anos, no dia 03 de maio de 2013 em Fortaleza – CE.

<sup>66</sup> LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996.

descontração após cumprir suas obrigações militares dentro das bases. Além de aproveitarem a natureza praiana, os militares dos Estados Unidos aproveitavam outras “peculiaridades agradáveis” existentes no Ceará. Eles mantinham relações cordiais com as moças da cidade. Estas, muitas vezes, eram de famílias tradicionais, normalmente muito bonitas, elegantes, educadas e que não se preocupavam com as críticas da sociedade local. Logo estas jovens foram apelidadas pejorativamente de “Coca-Colas”. Comenta-se que a denominação depreciativa surgiu por elas terem o privilégio de tomar o famoso refrigerante americano que na ocasião era visto apenas nas telas dos cinemas.<sup>67</sup>

Esta influência não cessou no vestir-se ou no comer, ela perpassou o âmbito privado e invadiu o público, fazendo da mesma maneira o caminho inverso, assim extrapolando e alterando, inclusive, o que poderia ter de mais íntimo naquela Fortaleza “provinciana”: a intimidade das relações sexuais. Nas:

[...] (“pensões alegres”, viviam as chamadas “mulheres-da-vida-fácil”. Fácil para os outros, pois, a bem da verdade, a vida daquelas coitadas era um osso duro de roer, a começar pela expulsão de casa, no interior, pelo pai moralista e machão que não podia, por hipótese nenhuma, perdoar o “erro” da filha, muito menos permitir que ela continuasse morando junto com as outras irmãs moças, depois de “infelicitada”. Matutas, a única saída era vir para a Capital, meta de todos os desesperados e esperançados, muito embora não contassem, aqui, com parentes nem aderentes que as recebesse e abrigassem. [...] As mais graciosas, as mais fartas de ancas, as mais peitudas, no entanto, acabavam, invariavelmente, nos cabarés da cidade, quase sempre, escravizadas às cruéis e desumanas “madames”, que vingam-se do próprio passado, impingindo às suas pupilas, o mesmo tratamento recebido no início da carreira. Um círculo vicioso. Por isso, mandavam brasa nas pobres noviças que ingênuas e encantadas pelas luzes da nova e cintilante vida, sujeitavam-se a tudo.<sup>68</sup>

Vislumbramos que além das moças de famílias tradicionais da capital, outras que vieram, muitas vezes do interior do estado, também possuíram

<sup>67</sup> SEMEAO E SILVA, Jane Derarovele. **Mulheres de Fortaleza nos anos de 1940: uma vivência da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Departamento de Pós-Graduação em História – UFRJ, 2000.

<sup>68</sup> LOPES, Marciano. Op. Cit., 1996, p. 155.

esse contato mais íntimo com os soldados ianques. Muitas vezes expulsas de casa, por terem cedido aos desejos do corpo, estas, acabaram vindo para Fortaleza e sendo prostituídas em algumas das diversas “pensões alegres” que existiram naquele momento. Porém, até mesmo para estas moças, que se encontravam dentro do “micromundo” das pensões, práticas sexuais novas e diferentes surgiram em meio ao contato mais íntimo com a soldadesca norte-americana:

A presença ianque trouxe, por conseqüência, uma profunda transformação nos costumes sexuais. Por uma série de fatores (aparência física, o poder de sua moeda, o dólar, a formação moral diferente) os rapazes americanos não guardavam o devido respeito aos costumes tradicionais aqui prevalentes. Foram em frente, sem freios. A princípio nos cabarés. As putinhas tomaram conhecimento de certas práticas que, mesmo em sua libertinagem, ainda ignoravam. As cafetinas mais destacadas, donas dos prostíbulos de maior destaque na cidade, a Margô, a Gaguinha, a Nininha e outras, advertiam as novas inquilinas de que era norma da casa atender a clientela nos “três bês”. Entenda-se. Ato sexual por todos os meios, o oral, o anal e o natural. Os americanos exigiam, as madames atendiam. Afinal, eles pagavam em dólar.<sup>69</sup>

Neste ponto, percebemos a influência econômica exercida pela força do dólar. Estes soldados trouxeram a força econômica que os Estados Unidos passou a ter naquele momento. Trouxeram nos seus aviões B24, nos “jeeps”, na sua moeda, no cinema, na sua Coca-cola, construções simbólicas que passaram a exercer forte influência no cotidiano fortalezense e a moldar as relações sociais do período. Podemos salientar a mudança comportamental ocorrida também nas moças e nos seus relacionamentos amorosos. Aquelas até então “recatadas donzelas”, baseadas nos estereótipos de beleza norte-americanos dos astros hollywoodianos como Clark Gable, Robert Taylor e Tyrone Power passaram a “flertar” e a manter relacionamentos com soldados ianques.

Assim, percebemos como a origem destas garotas “coca-colas” foi uma das inúmeras conseqüências da Segunda Guerra e do contato com os

---

<sup>69</sup> GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados**: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”. Fortaleza: ABC Editora, 2008, p. 80-81.

## Os sopros de um conflito: a influência norte-americana em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial

| Reverson Nascimento Paula

soldados norte-americanos, sendo assim um produto do clima beligerante trazido pelo conflito.

Dessa maneira, percebemos como este contato entre soldados norte-americanos e cidadãos fortalezenses foi de extrema importância para a propagação da política de boa vizinhança e do “American way of life”. Isto facilitou o contato com determinados objetos e práticas que só eram visualizadas nos cinemas ou ouvidas nos rádios. Assim vislumbramos uma face desse “cotidiano de guerra”, onde o consumo e a incorporação de novos hábitos e costumes também propiciou uma maior assimilação cultural por parte dos fortalezenses em 1940.

Assim, durante este artigo, buscamos apresentar um panorama a cerca do desenvolvimento das relações econômicas, políticas e culturais envolvendo Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Passamos pela entrada do Brasil neste conflito, pela assinatura dos Acordos de Washington, pela instalação da base militar em Fortaleza, pela importância do rádio e do cinema, pelo consumo de objetos materiais e pelo convívio com os soldados que vieram para Fortaleza. Dessa forma, chegando às influências exercidas sobre a sociedade fortalezense e as mudanças ocorridas nos hábitos e costumes.

Recebido em 06.12.2014  
Aprovado em 29.04.2015